



A QUEBRA DO PADRÃO DE BELEZA: A ACEITAÇÃO DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE

Crysia Mayara de Oliveira

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: crysia_mayara@hotmail.com

Alisson Clebio de Araújo Pereira

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: alissonclebio@hotmail.com

Eduarda Carmélia da Silva Almeida

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: eduardacarmelia@gmail.com

Juliana Fernanda Vieira Souza

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: julianafvs1@gmail.com

RESUMO: Atualmente tem-se observado muitas pessoas afro descendente de ambos os sexos assumindo sua beleza natural, valorizando a estética negra (seus traços, textura capilar, cor de pele) que durante muitos anos foi considerado fora do padrão sendo motivo para opressão por parte de pessoas acreditarem que a única estética apreciável era a que remetia ao padrão de beleza europeu. O preconceito e a discriminação são amplamente disseminados dentro da comunidade estudantil que ao invés de discutir sobre a diversidade opta pela exclusão. O principal objetivo é mostrar/expor as dificuldades que as mulheres negras encontram na sociedade ou seja: trabalhar, lidar, problematizar e discutir sobre educação e cultura negra no Brasil é assumir uma postura política. De forma alguma as relações culturais e sociais entre negros e brancos em nosso país podem ser pensadas como harmoniosas, democráticas e diluídas nas questões socioeconômicas. A escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo ela também é um importante local onde estas podem ser superadas. No caso específico da educação escolar brasileira, entende-se que a discussão sobre a cultura negra não pode desconsiderar a existência do racismo e da desigualdade entre negros e brancos em nossa sociedade. Tal consideração nos afastará das práticas educativas que ainda insistem em colocar a cultura negra no lugar do exótico, e possibilitará a construção de uma postura política diante da questão educacional brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Desigualdade, Aceitação, Padrão de Beleza.

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br

INTRODUÇÃO

As mulheres negras durante muito tempo, foram deixadas a margem da sociedade pelo simples fato da sua estética que era analisada fora do padrão considerada “correta” pela sociedade, na qual eram expostas às situações de humilhação e preconceito. Dessa maneira, vemos que a atualidade se distingue disto, em que as pessoas afro descendentes, na sua maioria, estão valorizando a sua beleza natural, mas que ainda são “vítimas” de discriminações. Nesse sentido, na maioria das escolas, não se é trabalhado o egocentrismo e a diversidade, na qual preferem a exclusão deste assunto, ao invés de discutir e aprimorar os conhecimentos.

Diante disso, esse trabalho pretende mostrar o reconhecimento da estética negra, e analisar sobre as dificuldades e a aceitação que as mulheres negras encontram no âmbito social, seja na posição política e no seu nível de escolaridade.

A metodologia utilizada para a construção deste trabalho foi uma pesquisa documental eletrônica, teórica/bibliográfica, baseada nas ideias de (González, 1982, 2008), (VIANA, 2011), (GOMES, 2006). Assim, considera-se a real importância de instigar ao estudo da diversidade, como também, comprovar a não valorização da estética “negra” em nossa sociedade, ou seja, uma sociedade entregue extremamente ao racismo, que tenta a todo custo dissipar qualquer manifestação de negritude contida na mesma, contribuindo porém, para as manifestações de violências, pois ser negra e mulher no Brasil é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão.

BELEZA NEGRA: A ACEITAÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE

Ainda que de maneira escassa, pessoas negras principalmente as mulheres, tem ganhado algum espaço nas mídias, sejam essas nas impressas, televisiva e digitais e tentado com muito esforço apresentar uma outra imagem do que é a negritude. Além disso até a primeira metade do século XX, uma estética branca determinava os padrões de beleza em praticamente todo o mundo. Os meios de comunicação, amplificando uma postura de boa parte da sociedade, fizeram o possível para ridicularizar e desvalorizar qualquer estética que remetesse aos africanos. O postulado que vigorava era de que o cabelo crespo dos negros é intrinsecamente feio. O racismo presente nessa estética branca teve efeitos perversos e

duradouros para os afrodescendentes, que, a cada momento, precisam afirmar sua identidade. Diante disso, para (GOMES, 2016, p.122), a imposição de uma boa aparência agregada a recusa do negro está relacionada à ideia da política de branqueamento, que idealizou o branco como um padrão de beleza. Essa ideologia contribuiu para a manipulação de uma representação negativa sobre o negro e a padronização do poder branco. A questão da boa aparência está relacionada a limpeza, higiene, onde para os padrões direcionados aos negros lhe é negada essa apresentação, desta forma “[...] a acusação de sujeira física, moral e da “alma” tem sido historicamente imputada ao corpo do negro e da negra em nossa sociedade.” (GOMES, 2006, p. 140). Essa ideologia expressa à conotação das relações raciais, a posição de poder exercido sobre os negros ao inseri-los em uma posição de impureza para ressaltar um comportamento de submissão a essa população. Esse posicionamento emergente do racismo aponta uma distância social, cultural e econômica o que acarreta uma ambiguidade de posições e sentimentos com relação a essa distinção.

Além disso, a desvalorização da negritude, ao longo dos séculos fixou no imaginário social da sociedade brasileira a ideia de que somos naturalmente inferiores e que só embranquecendo, seja pela miscigenação, seja pela auto violência física e estética, poderíamos ser “menos piores”. E o racismo incutiu isso em nossas cabeças, em nossos âmbitos, comportamentos e estilo de vida, e a partir disso nós mesmo reproduzimos essas violências contra nós. A naturalização disso é tão forte que em nossa sociedade a negritude virou sinônimo de feiura. Por isso, mesmo quando uma pessoa negra de pele clara não é chamado explicitamente de negra, o lugar que ela ocupa próximo à branquitude é o lugar do “feio”.

A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE

Considerando a população negra em questão da independência até os dias de hoje Lélia Gonzáles (2008, p. 29-32) respalda que toda uma prática política e social focalizada na questão nacional suprime os negros de seus projetos de construção da nação brasileira.

Além disto, na sociedade brasileira, a população negra é o grupo que “tem sido, ao longo de nossa história, a maior vítima da profunda desigualdade racial vigente em nossa sociedade” (Castro, s/d. p. 5) e quem mais sofre são, certamente, as mulheres negras.

Outro aspecto que veio segregar ainda mais a população negra adveio do racismo científico. No Brasil esse racismo é relacionado a escravidão, no qual, foi aceito pela a elite brasileira em 1870 e acolhida amplamente nas décadas de 1880 e 1920. No pós-abolição essas ideias irão sendo

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br



adentradas e propagadas com a ideologia de inferioridade dos negros, no qual dão início ao processo de branqueamento da população para que assim alcançasse o status de “superioridade” das sociedades brancas europeias. Assim deu-se início ao incentivo de imigrantes brancos, trazendo a mão de obra europeia, ativando as teses de branqueamento na procura da elite em eliminar o negro da sociedade brasileira.

Neste sentido, as mulheres negras estão cada vez mais, conquistando o seu espaço no ambiente profissional e participando, pela primeira vez e de forma definitiva, das mudanças ocorridas nas instâncias de Poderes. Em relação ao trabalho, tais mudanças são ainda mais visíveis. No processo de reestruturação produtiva e com a crescente oferta no mercado de trabalho, a mão-de-obra feminina tem sido cada vez mais aceita e solicitada. No entanto, o Crescimento da participação feminina no mercado de trabalho é intenso e diversificado e não retrocedeu nos últimos anos. As mulheres com formação técnica estão em maioria no mercado de trabalho formal que inclui indústria, construção, comércio, serviços e agropecuária. Sua participação no entanto, varia com a área, pois a grande maioria permanece condicionada no setor de serviços. As mulheres têm hoje maior participação não só no mercado de trabalho, como também nas esferas econômicas e entre os empreendedores já representam praticamente a metade neste setor. Deste modo, é importante frisar que:

A atuação das mulheres negras que, ao que parece, antes mesmo da existência de organizações do movimento de mulheres, reuniram-se para discutir seu cotidiano marcado, por um lado, pela discriminação racial e, por outro, pelo machismo- não só dos homens brancos, mas dos próprios homens negros. (GONZALEZ, 2008, p. 38)

Isto é, as mulheres, principalmente as mulheres negras com o tempo foram se fortalecendo, e crescendo cada vez mais, seja no âmbito social ou profissional, lutando por uma sociedade sem preconceitos, sem racismo e sem assédio sexual. Além disso, a união das mulheres possibilitou a oportunidade de terem vozes, de atuarem na busca por inclusão igualitária em meios aos ditames do sistema ideológico enraizado na sociedade.

Todavia, em relação a um acesso à educação, as mulheres negras, como também os negros, são advindos do sistema hierárquico, em que mesmo com o desenvolvimento econômico e a modernização, a prática de exclusão permanece, mesmo para as mulheres de elevada instrução acadêmica, como podemos observar na citação seguinte:

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br

Quanto a minoria de mulheres negras que, nos dias de hoje, atingiram mais altos níveis de escolarização, o que se observa é que, apesar de sua capacitação, a seleção racial se mantém. Não são poucos os casos de rejeição, principalmente no caso das multinacionais (que possuem como código de discriminação a sigla cr, “colored”, colocada nos testes de admissão de candidatas negras para cargos mais elevados como o de secretária bi ou trilingue, por exemplo). (GONZALEZ, 1982, p. 97)

Mesmo lidando dos anos 1980 essa questão está explícita nos dias atuais, em que ainda é notório presenciar a desqualificação da mulher negra diante a sua cor e a sua estética de beleza como característica de algo negativo, incapaz.

Como também, as mulheres brancas conseguiram entrar mais os níveis superiores ao longo dos anos segundo os censos, diminuindo a distância dos homens brancos, mas infelizmente a população negra não obteve da mesma forma e muito menos a mulher negra. Portanto, as mulheres negras em relação aos grupos sociais têm menos possibilidade, como Bebel Nepomuceno destaca:

Porém, desde muito cedo, a população negra, e a mulher negra em particular, teve maiores dificuldades em integrar o quadro educacional (os reflexos disso podem ser sentidos ainda nos dias atuais. (...). No pós abolição, por conta do racismo existente na sociedade, essa população encontrou dificuldade de obter um lugar nos bancos escolares da rede pública. NEPOMUCENO, 2013, p.389)

Ao longo da discussão historiográfica das intelectuais negras neste artigo, percebemos como a sociedade criou estereótipos que perpassaram na história e que ocasionaram a rejeição dessa população negra, sobretudo da figura feminina que sofre tanto a discriminação racial como também a discriminação por gênero. Deste modo, o movimento social das mulheres negras tem um papel preponderante para a quebra desse estigma. Na realidade social do capitalismo, essas categorias estão interligadas e nenhuma delas precisa ceder seu papel face às outras.

Vivendo sob o peso da injustiça social produzido por um sistema de brutal exploração do ser humano, a situação das mulheres negras acaba concentrando os aspectos mais nocivos dessa sociedade: são as mais exploradas como

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br



trabalhadoras, as mais discriminadas por sua raça e as mais oprimidas.

A nossa sociedade foi construída tendo como base de seu pilar: o racismo, o machismo, o patriarcalismo, no qual o homem sempre ocupou o espaço público e a mulher, o privado. É um desafio importante é poder compreender a amplitude dos avanços obtidos para as mulheres e para população negra, e ao mesmo tempo conviver com valores patriarcais e eurocêntricos mantidos por alguns homens que ocupam cargos de poder e prestígio e não querem de forma nenhuma que as mulheres, principalmente as negras, tenham acessos aos direitos fundamentais e sociais. O contingente feminino tem sido sujeito de limitações promovidas por estes senhores, que fazem questão de mascarar, velar e fomentar dificuldades que impedem o acesso de cargos estratégicos, representações de poderes, ascensão na carreira, especialmente no que se refere à dinâmica de conciliação das demandas familiar e profissional. Qualquer medida afirmativa, afixada ou paliativa, agita as estruturas imaginárias que afixam o espaçoso, rico e grande poderio. A desqualificação da imagem da mulher negra nas peças publicitárias e programas de TVs, enquanto prática de interação, não pode ser considerada ingênua, natural, desprovida de intencionalidade, pois servem de fortalecimento das desigualdades, privilegiam manifestações ideológicas classistas. Dentro deste campo denominado produção simbólica, tais práticas como presenciamos hoje, influenciam e reproduzem para o pensamento social valores que reforçam os preconceitos e a discriminação racial e constitui, no imaginário coletivo, a imagem subjetiva de democracia racial.

As mulheres sempre foram pacientes e hoje acreditam em caminhos novos e em novos desafios, já se manifestam com a consciência que é grande e que contribuem com a construção paulatina da nação e muitas fazem desta posição um projeto de vida, almejando a manutenção apenas dos resultados positivos para os e as que reeditam as páginas da história, com conceitos e valores que acompanham o desenvolvimento e a cultura social com seus arranjos cotidianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a estética negra, é, um instrumento de auto aceitação, de resistência, de empoderamento, uma forma de mostrar que não é aceito o padrão socialmente imposto, de que o negro é belo, é lindo, é diverso, é versátil e que a estética é uma forma de resistência contra as tentativa de enquadrar em modismos que

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br



banalizam tudo do negro, principalmente a cultura e a estética.

Os traços presentes em uma sociedade que direciona suas relações dentro do processo hierárquico atribuído pela cor da pele e sexo, não conseguiu ocultar a atuação das mulheres negras que mesmo diante de pouco espaço conseguiram soltar o seu grito em devesa de sua posição de ser mulher, de ser negra, de ser brasileira, enfrentando a discriminação e exclusão dessa sociedade patriarcalista, “machista”, que condicionava o seu lugar social. Velando em suas ações a atuação da discriminação racial perante a inserção social dessas mulheres, que sofrem diversas opressões seja no campo sexual, econômico, político e social que estigma uma imagem de posição inferior na educação, no trabalho, nas relações de gênero, entre outros espaços.

Além disto, é notório, de como a sociedade criou estereótipos que perpassaram na história e que ocasionaram a rejeição dessa população negra, sobretudo da figura feminina que sofre tanto a discriminação racial como também a discriminação por gênero. Deste modo, o movimento social das mulheres negras tem um papel preponderante para a quebra desse estigma.

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br



REFERÊNCIAS

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONZALEZ, Lélia. Mulher negra. In: NASCIMENTO, Elisa L. (Org.). *Guerreiras de Natureza: Mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Selo Negro, 2008, p. 29-47. _____. **A mulher Negra na Sociedade Brasileira**. In. LUZ, Madel T (Org.). *O Lugar da Mulher: Estudos sobre a Condição Feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

NEPOMUCENO, Bebel. Mulheres Negras –**“Protagonismo Ignorado”**.In: PINSKY, Carla Bassenezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.p.382-409.

VIANA, Elizabeth do E. S. Lélia Gonzalez: fragmentos. In: GOMES, Flávio dos S.; DOMINGUES, Petrônio (Orgs.). **Experiências da emancipação: biografia, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980)**. São Paulo: Selo Negro, 2011, p. 267-286.

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br